

ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E A SUBJETIVIDADE DA RELAÇÃO ORIENTADOR-ORIENTANDO

Adriane Matos de Araujo¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tratar sobre a relação orientador-orientando oriunda do processo de orientação acadêmica. O delineamento metodológico se dá pela metaetnografia que através de suas etapas de revisão sistemática gerou três categorias que norteiam as discussões deste estudo. A orientação acadêmica é um processo que envolve conexões humanas e aponta questões complexas e subjetivas que destacam a singularidade de cada sujeito dessa relação e a peculiaridade de cada nova relação que se estabelece, pois nenhuma relação de orientação acadêmica é igual a outra. Essas dimensões revelam a ramificação das funções e ações tanto do orientador quanto do orientando em meio as particularidades humanas. Para as discussões deste artigo serão apresentadas três categorias de análise: a) relação; b) afetividade; e, c) dominação. Nelas serão discutidas como a subjetividade da relação orientador-orientando é constituída de forma consciente e inconsciente nos seus diferentes modos de ser e de significar a orientação acadêmica e como isso impacta na produção do conhecimento.

Palavras-chave: Orientação Acadêmica, Relação orientador-orientando, Metaetnografia, Subjetividade, Educação.

INTRODUÇÃO

A orientação acadêmica é um processo que envolve interatividade humana, processos de vida, processos formativos, formação profissional, entre outros aspectos da relação humana-acadêmica e profissional. Entendemos a orientação acadêmica como uma parte de grande peso no desenvolvimento de pesquisas e na formação dos estudantes da graduação e da pós-graduação. Nos debruçamos nessa temática a fim de compreender os aspectos que envolvem essa relação de trabalho pedagógico e de pesquisa entre estudantes e docentes e, inclusive o ato ético-responsável de orientar.

O objetivo desse trabalho é tratar sobre essa complexa relação orientador-orientando oriunda do processo de orientação acadêmica. A questão que norteia esse estudo é “Quais as principais implicações a relação entre orientador-orientando possui dentro da produção acadêmica?”.

O referencial teórico em que dá base a esse trabalho conta com os estudos de relações de poder Bordieu (2015) sobre as relações de poder, bem como de Périco; Costa-Rosa (2014)

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Fundadora da AMA Escrever. amaescrever@adrianearaujo.com.br

que entende a relação orientador-orientando ser constituída de forma consciente e inconsciente nos seus diferentes modos de ser e de significar. Ademais, os autores Galvão (2007), Buterry; Richter e Leal Filho (2005), Queiroz (2014) e Duarte (2005) que discutem as questões relacionais e apontam a escassez de estudos nessa temática tão relevante para a produção acadêmica.

Com isso, acreditamos que é significativo conhecer mais sobre os processos formativos de pesquisadores que são responsáveis em gerar a produção do conhecimento que circula e amplia nossas relações acadêmicas e humanas. Vale ressaltar que esse estudo é parte dos resultados preliminares da pesquisa “Relações dialógicas entre orientadores/as e orientandos/as: o processo de ensino-aprendizagem da pesquisa e da docência mediante produção do gênero discursivo monografia nos cursos de licenciatura da UFF” (GEPLA, 2022). E tem como objetivo principal apresentar os principais conceitos de orientação acadêmica em processos formativos de graduandos e pós-graduandos, no que está a leitura-escrita de gêneros do discurso acadêmico.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesse estudo é a metaetnografia (NOBLIT, HARE, 1988). A liberdade criativa e adaptativa que a metaetnografia nos estimula, nos impulsionou a aplicar esse tipo de revisão sistemática que “envolve a comparação sistemática de dados conceituais de estudos qualitativos primários para identificar e desenvolver novos conceitos de estudo” (FRANCE et al, 2019, p. 3).

As 7 fases da metaetnografia (FRANCE et al, 2019) nos ajudarão a delinear as categorias temáticas que foram geradas a partir da análise interpretativa desenvolvida nesse estudo. Foram selecionados 22 textos acadêmicos que entendiam o aspecto da relação orientador-orientando da seguinte maneira:

Autor e ano	Aspectos na relação orientador-orientando
ARAÚJO; SAMPAIO (2019)	Autonomia; Plano de trabalho; Colaboração; Compromisso; Produtividade acadêmica
SOUZA; CHAVES; TAVARES; VIEIRA (2018)	Relação de poder; Dominação e sujeição; Orientador coautor
SÁ; DE PAULA (2017)	Interação de pessoas diferentes; Desafio didático-pedagógico e dialógico-afetivo; Relação de mentoria; Novos ciclos de conhecimento; Relação singular e subjetiva; Colaboração; Dedicção; Acompanhamento

VIANA; VEIGA (2010)	Orientador como educador; Processo de diálogo/Relação Dialógica; Relação educativa; Desafios afetivos, profissionais e teórico-metodológico; Estímulo de autonomia ao orientando
MINUZZI; SIMONETTO; TOCCHETTO (2004)	Fases da relação acadêmica: planejamento (acordos), desenvolvimento do projeto (atividades); Orientador como interlocutor do estudo do orientando
MASSI; GIORDAN (2016)	Metade do trabalho de orientação diz respeito a estilo, clareza e forma em relação ao processo de escrita/pesquisa; Orientador com as funções de: diretor de trabalhos, leitor, coautor, revisor e agente do real.
LUZ (2013)	Intermediação do orientador; Deslocamento de sentido (tomar uma posição) e não um transporte de sentidos do discurso; Desestabilizar discursos, novos mundos de significação; Processo de constituição identitária
GANDRA; ROCHA (2018)	Orientador como guia/conductor – a orientação como um processo aberto à negociação e à mudança; Acompanhamento mais próximo entre orientador-orientando; Processo de orientação que afeta o emocional dos orientandos, pelas questões pessoais e de adaptação que orientando atravessa
BARROS; MOREIRA (2018)	Aprendizagem mútua; Processo interpessoal, pessoal, horizontal e profissional; Comunicar histórias, saberes e experiências (DINIZ, 2015); Orientador como supervisor do trabalho do orientando
SÁ; DE PAULA (2018)	Articulação da problemática, fundamentação teórica, do levantamento e da análise de dados sobre a gestão de um orientador; Relação intersubjetivas (peculiar e complexa) espaço de liberdade para a construção de conhecimento; Diálogo para troca de experiências
PEREIRA; FERREIRA; SOUZA; RIBEIRO; SOARES (2022)	Adaptações ao contexto como no período da pandemia, acontecer as orientações em ambiente digital; Engajamento maior na orientação virtual entre outros pares da comunidade acadêmica
CORRÊA (2012)	Maior dificuldade é na questão da incapacidade e inexperiência nas redações (CASTRO, 2002); Orientador deve estimular a divergência de opiniões; Desafio do orientando é cumprir o tempo institucional e o tempo de pesquisa
GALVÃO (2007)	Parte integrante do desempenho da pós-graduação; Relação que se prende boa parte do sucesso ou insucesso de um orientando; Humildade profissional, disposição e compreensão mútuas
SOUZA; HENNES (2019)	Relação dinâmica que ao mesmo tempo que é individual, é coletiva; Autonomia; Conjunto de tarefas visando o desenvolvimento do orientando
WROBEL; CARNEIRO; PALMA; AGUIAR (2009)	Orientador como mediador e avaliador; Relações entre especialistas e alunos
TEIXEIRA, FAUSTINO (2020)	Trabalho intelectual (cultura do estudo e da leitura); Administração de tempo para dar conta das atividades; Receptividade e acolhimento
SOUZA; GAUER (2008)	Autonomia e assertividade dos orientandos; Cooperação, trabalho em equipe, criatividade, iniciativa dos orientandos com apoio do orientador
OLIVEIRA et al (2018)	A genealogia acadêmica que analisa, através de dados científicos, os desdobramentos das pesquisas que geram uma rede de colaboração científica
MOREIRA, ET AL (2018)	Autonomia científica
ROSSI; MENA-CHALCO (2015)	Analisar essas relações através da genealogia acadêmica mensura a influência de orientadores nas suas comunidades acadêmicas; A relação orientador-orientando promovem a propagação de conhecimento científico por meio dessa interação
ROSSI; DAMACENO; MENA-CHALCO (2018)	Promovem a propagação do conhecimento; Genealogia acadêmica em 4 métricas: fecundidade, descendência, Geração, Folha (ligada as árvores, como último elemento do ramo)

A partir do processo interpretativo desses dados foram geradas as categorias temáticas que eclodiram nos textos (temas mais discutidos): afetividade, carreira, dominação, genealogia, gestão, identidade, método, novos pesquisadores, relação, subjetividade, trabalho. Na sequência elas foram reagrupadas por grupos de significados onde gerou-se três categorias macros: acompanhamento, carreira acadêmica e subjetividade.

Para o recorte desse estudo foram elencadas a categoria macro subjetividade e suas três subcategorias: relação, afetividade e dominação. A discussão feita que eclode dos autores que trazem essas temáticas serão apresentadas na seção a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A categoria macro gerada nesse estudo denominada subjetividade trata discutir sobre a relação, a afetividade e a dominação oriundas do processo de orientação acadêmica. Entendemos que a subjetividade (PÉRICO; COSTA-ROSA, 2014) é constituída de forma consciente e inconsciente nos seus diferentes modos de ser e de significar. Por se tratar de um processo que envolve conexões humanas essa categoria aponta questões complexas e subjetivas que destacam a singularidade de cada sujeito dessa relação e a peculiaridade de cada nova relação que se estabelece, pois nenhuma relação de orientação acadêmica é igual a outra. Essas dimensões revelam a ramificação das funções e ações tanto do orientador quanto do orientando em meio as particularidades humanas.

1. A Relação orientador-orientando no processo de orientação acadêmica

Quando se fala em “relação” no processo de orientação acadêmica os estudos são unânimes em afirmar o quão ela é difícil, complexa e fundamental. Inclusive apontam dificuldades em defini-la tanto quanto em vivê-la. Galvão (2007) caracteriza essa relação desde a competência de cada sujeito dessa relação à empatia necessária nessa interação. Ele acrescenta que há exigências, expectativas, lacunas, ineficiências e incertezas por parte de ambos. Notamos que as dificuldades nessa relação são mais tratadas do que o resultado dessa relação. Talvez por conta do resultado ser algo explícito, uma vez que, as produções geradas nessa relação quando finalizadas são publicadas – se considerarmos a publicação como resultado bem-sucedido. Mas a questão é o que está implícito, ou seja, os afetos e desafetos e, até a desistência de trabalhos

que nunca terminaram, muitas vezes, por conta da relação malsucedida entre orientador e orientando.

Nesta subseção trazemos para o diálogo, além dos estudos de Galvão (2007), Buterry; Richter e Leal Filho (2005), Queiroz (2014) e Duarte (2005). Eles nos ajudam a pensar as questões relacionais que a orientação acadêmica se propõe e pontuam que esse tipo de relação é profunda e nos dão a certeza que é um tema relevante para novas pesquisas, pois essa discussão só está começando no contexto acadêmico.

Reconhecemos que uma relação entre orientador-orientando não possui padrões ou modelos, porque cada orientando tem sua subjetividade e cada orientador está em processo de transformação constante, mesmo com vasta experiência – por isso a relação na orientação acadêmica é única. Contudo, concordamos com Galvão (2007) quando há um fator essencial que facilita o empenho dessa relação, que é o estado de disponibilidade.

A maioria das pesquisas, aqui estudadas, sinalizaram a queixa central dos orientandos no que diz respeito a disponibilidade do orientador. Vale destacar que, a função do orientador é somente uma das funções que um docente/pesquisador acumula em sua articulação profissional. Diante disso, a questão do “estado de disponibilidade” pode estar associada a forma como o programa ou o curso distribui as demandas de orientação ou na administração pessoal do orientador. De qualquer forma, a questão “dedicação e tempo” não é oriunda somente por parte do orientando, mas tornam-se demandas essenciais ao orientador. Eis aí um cerne problemático que precisa de amplo estudo, discussão e pesquisa para compreender como o tempo e a dedicação dos orientadores pode ser melhor administrado e aproveitado para o benefício da orientação acadêmica.

Outros desafios são encontrados nos estudos, mas vamos destacar a pesquisa de Buterry; Richter e Leal Filho (2005) que resumem as principais queixas encontradas e nesse trecho listam os principais problemas encontrados no processo de orientação,

... a falta de experiência, compromisso e tempo do orientador; os problemas emocionais e psicológicos ligados ao isolamento e à insegurança do estudante quanto a sua capacidade de realizar a pesquisa; a falta de compreensão e comunicação entre o orientador e o orientando e a falta de conhecimento, habilidade, treinamento ou experiência na metodologia de pesquisa (p.14).

Nesse trecho percebemos a complexidade de dimensões que envolvem o processo de orientação e quanto as faltas tanto de um quanto do outro comprometem o desenvolvimento do

trabalho e da pesquisa acadêmica. Uma relação que precisa de estudo minucioso, muita pesquisa e reflexão para que possamos avançar pedagogicamente na superação dessas faltas que tem sido sinalizadas e comprometem a ascensão profissional de novos pesquisadores, a qualidade profissional de pesquisadores e o impacto na ciência.

Falando ainda da relevância dessa relação, trazemos a visão de Queiroz (2014) quando ele diz que a orientação acadêmica não é uma relação rasa, mas uma relação profunda que culmina em vínculos emocionais de longo período que perpassa diferentes fases da vida tanto do orientando quanto do orientador – responsável também pela identidade de ambos. Entretanto não somente vínculos emocionais, mas percebemos também vínculos profissionais, acadêmicos e científicos que compõem o profissional acadêmico tanto na vida do orientador quanto na vida do orientando.

Toda relação diz respeito a um tipo de relacionamento, ou seja, um processo humano que engloba diversas dimensões como as cognitivas, emocionais, histórico-sociais e culturais. E na orientação acadêmica não é diferente, pois nela se estabelece um relacionamento pedagógico. Como dito por Duarte (2005) o orientador e o orientando possuem aspectos pessoais e profissionais diferentes que precisam ser levados em conta nesse relacionamento. Dentro dele há papéis, responsabilidades e acordos que precisam estar claros desde o início, caso contrário – como em todo relacionamento – os ruídos podem interferir prejudicialmente nessa relação. Isto quer dizer que ações previamente estabelecidas e claras podem compor os acordos para o desenvolvimento de um ambiente sadio e equilibrado na relação de orientação acadêmica.

2. A Afetividade na relação orientador-orientando

Nessa seção propomos pensar sobre a afetividade, uma vez que, as palavras afeto, afetado, afetividade aparecem significando a humanidade e as emoções dos sujeitos da orientação acadêmica. Mas vale destacar que esses sentidos surgem mais a respeito do orientando, como se fosse o sujeito mais afetado nessa relação. Os autores que apoiam essas reflexões são Costa, Sousa e Silva (2014), Johansson et al (2014), Viana e Veiga (2010) e Gandra e Rocha (2018) eles nos levam a refletir sobre as categorias de análise que discutem o afeto. Esses estudos mostram o quanto as emoções estão intrínsecas no processo da orientação

acadêmica e como a orientação é um dos fazeres docentes, há relevância em considerar a dimensão afetiva como determinante nessa relação tão complexa no ato de orientar.

Logo de início nos deparamos com um trecho de Teixeira e Faustino (2020) que, ao nosso ver, revela um tipo de afeto de um orientador na vida e na carreira de um orientando,

O outro professor que foi muito importante na minha orientação, que me orientou no pós-doutorado foi Jacques Dupuis (1923-2004), docente na Gregoriana. Com ele pude desenvolver a arte da liberdade, da coragem e da ousadia. Escrever sem temor, evitando autocensuras ou bloqueios de outras ordens, que deterioram a criatividade e a abertura ao mundo. Dizia sempre em sala de aula: “Não sei ensinar o que eu não penso”. Esse mote me acompanha até hoje e suscitou um caminho bonito em minha reflexão, que me traz alegria, serenidade e destemor (p. 1228).

O trecho acima mostra um relato de afeto que gerou emoções boas que sensibilizaram uma pessoa no seu processo de orientação que trouxe marcas positivas em sua memória afetiva. O afeto é um sentimento que expressa emoções humanas, uma pessoa pode ser afetada com emoções agradáveis e desagradáveis, ele está ligado ao ato de sentir, atravessar, modificar, transformar ou atingir.

O afeto acontece na relação orientador-orientando e perpassam desde a adaptação ao mundo acadêmico, ou seja, nos processos de letramento acadêmico (STREET, 2014), nas relações pessoais e do cotidiano, inclusive nos processos de aprendizagem. Tudo isso exige uma gestão emocional que equilibra o relacionamento entre o orientador e orientando, uma vez que, essas questões emocionais afetam diretamente o desenvolvimento acadêmico do orientando (COSTA, SOUSA E SILVA, 2014; JOHANSSON ET AL, 2014).

Nos estudos elencados percebemos que a categoria afeto sempre surgia como desafio, dificuldade ou expressão principal no ato de orientar. O fato do processo de orientação acadêmica estar ligada a uma relação humana, impossibilita a discussão sobre esse processo sem tratar das questões do afeto. No trabalho de Viana; Veiga (2010) a categoria “afetivos” diz respeito a atenção necessária do orientador a respeito da história de vida, das expectativas e das oportunidades oferecidas ao orientando. Eles reforçam a importância do orientador estabelecer dialogicidade e segurança nessa relação. Enquanto no trabalho de Gandra e Rocha (2018) a dimensão afetiva estudada revela que o orientando sofre o afeto quando o trabalho de pesquisa gera nele apreensão e ansiedade, cobranças e responsabilidades com prazos apertados e constantes, causando longos períodos de angústia e estresse.

Consideramos que a afetividade é inerente ao processo de orientação acadêmica, apesar da ênfase dos estudos no afeto experienciado pelo orientando, como em toda relação todos são afetados, tanto o orientando quanto o orientador. O que fica claro é que a afetividade dispensada pelo orientador em relação ao orientando mobiliza ou desmobiliza o desenvolvimento do trabalho acadêmico que é concebido pelo orientando. O orientador é o pesquisador mais experiente que pode reger esse processo afetivo para conduzir com mais sensibilidade a gestão emocional dessa relação. A dimensão afetiva bem gerida por parte de ambos, porém, principalmente, pelo orientador oferece mais estabilidade para que o trabalho seja desenvolvido com menos percalços pertinentes a relação orientador-orientando e, dessa forma, implica no avanço da produção acadêmico-científica.

3. A Dominação como relação de poder no processo de orientação acadêmica

Nessa seção trazemos a categoria “dominação” que nos estudos de Souza; Chaves; Tavares; Vieira (2018) soam como uma denúncia inerente a relação orientador-orientando. Trazemos esse tema a discussão, pois em nossa concepção é mister discutir as relações de poder (BORDIEU, 2015) existentes em qualquer relação humana e nos processos de orientação não seria diferente.

Entendemos que o poder simbólico é definido por meio de uma relação entre aquele que exerce o poder e aquele que lhe está sujeito, “capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia” (BOURDIEU, 2001, p.15). Por isso a relação orientador-orientando revela quem exerce o poder e quem está sujeito nessa conexão. Pensamos que o orientador por ser o mais experiente, o que pode avaliar, direcionar caminhos e oferecer oportunidades, ele, na maioria das vezes, exerce o poder nessa relação. Enquanto o orientando como aquele que é conduzido, avaliado e inexperiente é o que está sujeito nessa relação.

Por esse motivo chamou a nossa atenção o texto dos pesquisadores Souza; Chaves; Tavares; Vieira (2018) que denunciam a relação de poder autoritária por parte de orientadores que se colocam como coautores de textos produzidos por seus orientandos. Esse texto desperta um alerta ao desequilíbrio e nos danos gerados por intermédio da relação orientador-orientando que pode culminar em propagação dessas práticas como naturalizadas em futuras orientações.

Os pesquisadores Souza; Chaves; Tavares; Vieira (2018), baseados no conceito de servidão voluntária (De la BOÉTIE, 1982), trazem três fontes que inserem uma pessoa a condição de dominação e sujeição - que é o caso dos orientandos quando se submetem a dar

créditos intelectuais a seus orientadores, sem ao menos, eles terem contribuído diretamente na produção de um artigo ou algum outro tipo de trabalho acadêmico – sendo elas:

1) da circunstância de que os indivíduos, não tendo conhecido outra realidade que não a da submissão, a encaram como natural e a aceitam como que instintivamente; 2) do fato de que a submissão, no longo prazo, produz pusilanimidade, tibieza, pouco desejo de se insurgir; e 3) da existência de uma teia complexa de favores e dependências, em que indivíduos investidos de posições de poder e autoridade transferem autoridade e outorgam benesses a um círculo de pessoas que venderão sua lealdade em troca de vantagens no presente e da expectativa de vantagens no futuro, sendo que estas pessoas farão o mesmo com outros tantos que lhes serão subordinados, e assim sucessivamente, em camadas e mais camadas de cumplicidade (p. 191).

Notamos no trecho acima que há uma complexa rede de interdependência que geram camadas profundas nessa relação, onde prendem os sujeitos envolvidos como em uma teia que pode atrair outros e mais outros, tornando algo naturalizado como um aparente ciclo de transferência de autoridade.

Os autores denunciam que quando um orientando chega nessa teia a margem de movimento que ele tem para dizer não e para descontinuar processos naturalizados é quase nula. Fato esse que eles caracterizam como assédio moral na relação orientador-orientando. O assédio moral significa um tipo de violência que causa danos psicológicos, emocionais e, em consequência, até dano físico em uma pessoa. Esse tipo de discrepância e abuso na relação de poder entre orientador e orientando pode acontecer devido ao medo de retaliações que o orientando sofre levando-o ao adocedor silêncio, mesmo em circunstâncias insustentáveis.

O processo de orientação está sujeito a relação de poder por conta de papéis de autoridade e submissão, que consideramos uma dualidade oposta a dominação e sujeição, predispostos nessa relação. A questão é como conduzir essa autoridade e submissão em benefício comum e de forma saudável com os limites e acordos preestabelecidos. Os desequilíbrios psicológicos e, muitas vezes, mentais e de caráter, de qualquer um dos sujeitos dessa relação, são pólvora para os intercalços e abusos dentro dessa conexão humana. Por isso acreditamos que o cuidado com a saúde mental, conversas francas e acordos claros sobre as funções e atividades acadêmicas podem ser um canal de diálogo para evitar esses tipos de danos. Lembramos que o fruto da relação orientador-orientando são as pesquisas que contribuem para o avanço da ciência. Porém esse resultado não pode ser a qualquer preço, pois esse trabalho é fruto do ser humano, que tem seu valor além de qualquer produto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho entendemos a subjetividade como um fator que tem significativo peso de discussão sobre as questões da humanidade dos sujeitos acadêmicos. Trouxemos para o texto a complexidade da relação humana e acadêmica que se interconectam gerando afetos que geram memórias e cadeias que se estendem no trabalho acadêmico ao longo da trajetória profissional do pesquisador. E encerramos dando luz as questões sobre dominação que atravessam a relação de poder inerente a orientação acadêmica e sugerimos que a forma como se conduz, a definição de acordos e de papéis de autoridade e submissão são centrais no equilíbrio dessa relação.

Contudo, acreditamos que como em toda relação os acordos aliviam as tensões e as subjetividades presentes. Por isso entendemos que o contrato pedagógico (FERREIRA, 2017) se apresenta como um instrumento favorável no processo de orientação acadêmica. Entendemos como contrato pedagógico um acordo feito nas relações acadêmicas em comunidades acadêmicas. Tratando-se da orientação acadêmica como um tipo de trabalho pedagógico (FERREIRA, 2017), pode-se pensar que ao organizar encontros periódicos entre orientador e orientando, estabelecer prazos para entrega de textos e das devolutivas de pareceres, acompanhar e ajustar em conjunto o cronograma da pesquisa, decidir pelo diálogo e constituir limites emocionais na relação, pode evitar insucessos nessa relação tão cara para os acadêmicos.

Consideramos que o contrato pedagógico proposto pode sofrer ajustes e realinhamentos, pois ele precisa ser flexível por se tratar de um contrato dentro de uma relação humana de intensa subjetividade individual e do coletivo onde ela se estabelece. Porém entendemos que acordos geram segurança nas relações, ainda mais, em relações que precisam ser produtivas, como acontece no processo de orientação acadêmica

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adriane Matos de. METAETNOGRAFIA EM EDUCAÇÃO: O QUE É, COMO FAZER E COMO APLICAR EM PESQUISAS ETNOGRÁFICAS. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 01–24, 2022. DOI: 10.12957/redoc.2022.64052. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/64052>. Acesso em: 9 dez. 2023.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola da escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. 412 p.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BUTTERY, E. A.; RICHTER, E. M.; LEAL FILHO, W. An overview of the elements that influence efficiency in postgraduate supervisory practice arrangements. **International Journal of Educational Management**, Wagon Lane, v. 19, n. 1, p. 7-26, 2005.

COSTA, F. J.; SOUSA, S. C. T. de; SILVA, A. B. Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. **RBPG**, Brasília, v. 11, n. 25, p. 823 - 852, 2014.

De la BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1982 [1548].

DORES, W.; BENEVENUTO, F.; LAENDER, A.H. **Extracting academic genealogy trees from the networked digital library of theses and dissertations**. In: ACM/IEEE-CS ON JOINT CONFERENCE ON DIGITAL LIBRARIES, 16., 2016. Proceeding. ACM: 2016. p. 163-166.

DUARTE, Andréa Novo. Relação dialógica entre orientador e orientando: intercâmbios significativos. In: MORAES, Roque; HACKMANN, Berenice Gonçalves; MANCUSO, Ronaldo (Orgs.). **De Marte a Narciso: (sobre)vivências em dissertações de mestrado**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 135-143

FERREIRA, Liliana Soares. Comunidade acadêmica: a orientação como interlocução e como trabalho pedagógico. **Revista Maringá**, v. 39, n.1, p. 103-111, jan-mar, 2017.

FRANCE, E.F. et al. **Improving reporting of meta-ethnography: The eMERGe reporting guidance**. Research Methodology: Empirical Research - Methodology. 2019. P. 1-15. DOI: 10.1111/jan.13809

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. REFLEXÕES: QUESTÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO EM PÓSGRADUAÇÃO. **Revista da Anpege**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-10, abr. 2007.

GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Orientação acadêmica como espaço de integração intelectual, social e afetiva. **Informação em Pauta**, [S.L.], v. 4, p. 83-100, 13 maio 2019. Portal de Periodicos da UFC. <http://dx.doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iespecial.2019.41208.83-100>.

GEPLEA. Universidade Federal Fluminense (org.). **Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica**. GEPLEA. 2022. Disponível em: <https://geplea.uff.br/>. Acesso em: 01 out. 2022.

JOHANSSON, T. *et al.* PhD Supervision as an Emotional Process - Critical Situations and Emotional Boundary Work. **Pertanika Journal Social Sciences and Humanities**, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2014.

NOBLIT, G. HARE, R. **Meta-ethnography synthesizing qualitative studies**. Newbury Park, California: A SAGE University Paper, 1988.

OLIVEIRA, Carlos Alexandre de; OLIVEIRA, Marlene; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; COSTA, Belkiz Inez Rezende. Genealogia acadêmica dos pesquisadores da área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, p. 278-298, abr. 2018. Edição Especial 6 Ebcc.

PÉRICO, W.; COSTA-ROSA, A. sujeito, subjetividade e “ciência” em Freud e Lacan: algumas considerações teóricas prévias a uma intercessão-pesquisa no campo da saúde mental coletiva. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 14(3): 418-432, dezembro, 2014.

QUEIROZ, Tatiana Pereira. O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a universidade federal de minas gerais e seus egressos por meio da informação. 2014. 202 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

ROSSI, Luciano; DAMACENO, Rafael J. P.; MENA-CHALCO, Jesús P.. **Genealogia acadêmica: um novo olhar sobre impacto acadêmico de pesquisadores.** *Parc. Estrat*, Brasília/Df, v. 23, n. 47, p. 197-212, jul. 2018. Jul-Dez.

SÁ, Rosilene Moreira Coelho de; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Compartilhamento de conhecimento na orientação acadêmica: a perspectiva de orientadores. *Prisma.Com*, [S.L.], n. 34, p. 105-126, 2017. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. <http://dx.doi.org/10.21747/16463153/34a6>.

SÁ, Rosilene Moreira Coelho de; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Gestão do conhecimento e orientação acadêmica: inter-relações. *Informação & Informação*, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 452, 6 set. 2018. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n2p452>.

SOUZA, Marcelo Lopes de; CHAVES, Rafael Luiz Leite Lessa; TAVARES, Thiago Roniere Rebouças; VIEIRA, Thiago Wentzel de Melo. Coautoria ou orientação? Algumas questões éticas e científicas envolvidas na colaboração acadêmica entre orientadores e orientandos. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 24, p. 179-195, maio 2018. Mai/Jul.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução Marcos Bagno. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2014. 240 p.

TEIXEIRA, Faustino Luis do Couto. Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, [S.L.], p. 1226, 31 dez. 2020. Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841.2020v18n57p1226>.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 222-226, set. 2010. Set/Dez.